

PEDAGOGIA DA EXISTÊNCIA GEOGRÁFICA: UM RETORNO (OU: COMO “DE REPENTE SINTO A FALTA DE TODOS”¹)

Carlos Roberto Bernardes de Souza Júnior²

Quando agrupei meus primeiros pensamentos em relação à docência a sensação era de certa ansiedade, de vontade de iniciar logo ao mundo no qual decidi vivenciar grande parcela de minhas experiências intelectuais/profissionais. Cabe, por ora, salientar um pouco do ato de retorno à escolha da carreira docente, reflexão que se desdobra da iminente finalização do curso de licenciatura.

Durante o cursar do ensino médio me questionei muito sobre a vontade de cursar licenciatura em geografia. Os próprios professores da escola me desanimavam quanto à decisão, a própria vontade de geografar, por vezes, me parecia uma elucubração de estranha lógica (ir)racional. Gostava bastante de efetivar leituras, principalmente no âmbito da literatura, arte e filosofia.

Nesses campos férteis do conhecimento humano talvez teria tido uma chance mais eficaz de desenvolver um estilo próprio de escrita e me tornar um escritor (vontade que, hodiernamente, perdura), transmutar sentimentos em obras visuais/estéticas (não necessariamente agradáveis, cabe destacar), ou refletir sobre o próprio ato de pensar (também latente até o momento). Contudo, exercer um modo geográfico de ser transbordou essas virtualidades de maneira não esperada.

Ao ler um pouco mais, notei que por meio da ciência geográfica era possível construir férteis elos entre as possibilidades acima dispostas. Talvez hoje veja com mais nitidez, autores

¹ Ver mais no álbum homônimo (em tradução livre): EXPLOSIONS IN THE SKY. **All of a sudden I miss everyone**. Minnesota: Pachyderm Studio, 2007. 2 CDs. [Cabe aqui notar que o título foi inspirado no filme “A Woman Under Influence” de Jonh Cassavetes, drama pós-moderno sobre uma mãe que é levada pelo marido a ir para tratamento psiquiátrico, aborda principalmente o efeito disso sobre seus filhos.]

² Discente do curso de Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU); estagiário do Laboratório de Geografia Cultural (LAGECULT); Bolsista de Iniciação Científica pela Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG). E-mail: carlosroberto2094@gmail.com

como Armando Corrêa da Silva, Carlos Augusto Figueiredo Monteiro, Yi-Fu Tuan, Maria Geralda de Almeida, Rosselvelt José Santos, Gaston Bachelard, Eguimar Chaveiro, Paul Claval, Horácio Capel, Eduardo Marandola Júnior, entre muitos outros, parecem reafirmar um pouco de minhas vontades pueris (mesmo que eu não tivesse conhecimento deles na época).

No momento de minha decisão, procedi de maneira a tentar seguir o caminho que julguei ter possibilidades mais amplas, o que, no caso, me levou à Geografia. Logicamente houve influência de uma docente, contudo, as questões humanas nunca têm respostas fáceis ou simples.

(Re)pensar sobre algo é estranho e dolorido. Talvez por isso as pessoas se esforcem para escapar um pouco de discussões como essa. Por mais que pareça abrupto para o texto nesse momento, considero que falar sobre o que foi, de certa forma, meu ensino médio seja uma maneira de pensar, mais uma vez, sobre minha docência.

Não posso dizer, de forma alguma, que fui aluno exemplar. Nem sempre fazia as tarefas de casa ou prestava atenção à aula. Na verdade, tinha uma espécie de atenção “seletiva”. Passava as aulas que não me interessavam, lendo ou escrevendo qualquer coisa, em geral, poemas. Já as que me interessavam, no caso: literatura, artes, filosofia, sociologia, história, geografia, atualidades e redação, eram diferentes. Eu me atentava e, em alguns casos, até mesmo participava da aula.

Como minhas notas não eram particularmente ruins, não era alvo de intrusões ou reclamações. No máximo, sou/fui um aluno mediano. Por variados motivos me via como um sujeito de particular reclusão e baixa autoestima. Confesso que foi uma fase difícil, na qual me integrei no movimento *geek*, o que me proporcionou um círculo de amigos do qual partilho até a contemporaneidade.

Problemas houve aos montes, principalmente no contexto da sociabilidade em sala de aula. Felizmente (ou não) tenho dificuldades ao lembrar-me de momentos em que tive de sentar e me “matar” de estudar, nunca fiquei para recuperação. Acho que o ensino médio foi um conjunto de momentos interessantes na minha forma de entender o que é escola.

Em meio às provas semanais às quais era submetido, aos “simulados” bimestrais e às imposições sociais da faixa etária, percebo hoje que vivenciei um ensino pautado em um neotecnicismo, por vezes, levado ao extremo. O foco das aulas não era fazer com que

aprendêssemos, mas que reproduzíssemos os conteúdos que seriam cobrados no PAIES³/Vestibular/ENEM.

Inclusive, tal fator foi fundamental para o que eu chamo de “salada mista estranha” que vivi durante essa etapa escolar. Meu trajeto na escola, desde o ensino básico, foi percorrido pelas vias do ensino privado. Nesse sentido, quando ingressei no Primeiro Ano do Ensino Médio passei a me tornar impossibilitado de prestar o PAIES, que se tornara PAAES⁴.

Até esse instante tinha sido preparado para o ingresso no ensino superior através desse modelo de prova. No Primeiro Ano (2009), os professores (e a coordenação/direção) continuaram com insistências no modelo “treino para o PAIES”, incentivando que entrássemos com mandatos de segurança. Contudo, ao ingressar no Segundo Ano, grande parte dos mandatos foram cassados, o que forçou a escola a se adaptar ao vestibular da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Tal fato parecia interessante, porém, o horizonte já era nebuloso, apontava mudanças no sistema de ingresso, com variadas universidades adotando o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Ao final desse mesmo ano (2010), a UFU adota esse novo modelo de prova como “primeira fase” do vestibular. No início/meio de 2011 (meu Terceiro Ano), a Universidade decide por adotar o ENEM como fase única.

Nessas rápidas transições, os maiores prejudicados fomos nós, os alunos. Os professores ficaram profundamente desorientados, mudando o sistema de provas continuamente. As aulas tentavam ensaiar maior dinamismo, visando à “multi/interdisciplinariedade” do novo modelo de ingresso ao Ensino Superior, afinal a aprovação era o fim desse sistema.

Tal era a importância atribuída ao ENEM que em 2011 (um ano antes do meu ingresso na UFU), entrei de férias pouco depois da prova. Continuei assistindo aulas por mais um mês (para completar o número de dias letivos), mesmo que levasse livros/*kindle* e ficasse fazendo qualquer outra coisa que não assistindo a aula (admito que também joguei muito via Nintendo DS). Após esse período a escola nos incentivou a não ir mais à aula.

Acredito que isso foi uma das oportunidades mais formativas que tive no meu “mapear” os caminhos da docência. Ao assistir o caos e refletir novamente sobre ele, vejo que

³ Programa Alternativo de Ingresso no Ensino Superior. Processo seletivo para ingresso na Universidade Federal de Uberlândia – UFU através de avaliação seriada durante os três anos do Ensino Médio.

⁴ Programa de Ação Afirmativa de Ingresso no Ensino Superior. Processo seletivo para ingresso na UFU voltado para alunos de escolas públicas.

ensinar deve ir para muito além de tecnicificar os discentes para conseguirem grandes aprovações em provas importantes e, conseqüentemente, valorar a escola.

Ensinar, a meu ver, deve ser ato construtivo de estabelecer experiências de aprendizado. Mediar as relações entre o saber e o ser é um papel complexo e, por tal razão, concordo com o que coloquei no início dos meus primeiros relatos que realizei (acerca da responsabilidade). Em tempos nos quais muito se fala sobre a precarização da docência, penso que para salvar a educação é necessário **acreditar** na educação.

Mesmo assim, saliento que é um caminho árduo. Minhas inquietações continuam latentes. Confio em um conhecimento que não está meramente no comum, que é também autoconhecimento. Por meio do ensino, o mundo pode ser outro, pode potencializar o existir de cada um, para, destarte, desenvolver as essências. Pela utopia do hoje é que arquitetamos o amanhã.

Do retorno às primeiras reflexões até a efetivação do estágio, passei por diversos momentos que foram fundamentais para o despertar de meu eu docente. Desde as discussões que realizamos em sala de aula, já substanciava possibilidades de um ser interno que poderia aflorar tendo em vista as dificuldades que estariam presentes na prática do estágio.

A partir das vivências, observações e regências, passei por um processo de auto-descoberta mediado por algumas influências fundamentais. As reflexões estabelecidas me forneceram oportunidades de (re)pensar as experiências correlacionando-as à outras intensidades introspectivas. Nos diálogos internos, pontuais momentos transbordam e se destacam.

Sinto que me desenvolvi muito durante esse último semestre. Aprendi sobre minhas capacidades, percebi que não preciso esperar para ser docente. Imagino que, no fundo, já o sou. **Sinto-me** professor. O diploma não me faz ser professor, ele indica que tenho uma graduação, estudei para tal, mas não mostra que realmente sou professor. Foi particularmente revigorante evidenciar que, ao contrário do Ensino Fundamental, considero prazeroso lecionar no Ensino Médio.

Essa etapa se adequa melhor ao meu estilo de ver o mundo e de explicar as coisas. Mesmo assim, como o orientador de estágio me apontou, me interessei mais pela possibilidade de docência no Ensino Superior. Sou, por ora, excessivamente acadêmico, tenho dificuldade de adaptar a linguagem, mas gosto muito dos desafios do ensino básico. No entanto, ensinar vai para além dos moldes banais que vemos. Ensinar, em qualquer fase educacional nos exige visão de mundo ampla e “fora da caixa”.

Senti-me, simultaneamente, frustrado e realizado com esses semestres. A regência em uma turma “inclusiva”, com uma deficiente física me mostrou que tenho muitas dificuldades para lidar com a situação. Embora as aulas nas outras duas turmas desvelassem capacidades de manejar a docência e dialogar com os discentes sem perder a segurança, o sabor do que considerei um fracasso continua marcante.

Contudo, me superei no que diz respeito às expectativas que coloquei. Esperava que teria dificuldades para lidar com perguntas e outras situações complicadas. Quando tais situações se efetivaram, consegui ser dinâmico e improvisar de acordo com as ocorrências.

Após um ano e meio de estágio na mesma escola, penso que um pouco do que fica é a incerteza. Acabou? Depois de tanto tempo indo atrás, realizando as atividades, o que vou fazer? Graduo-me no final do ano e, apesar de já ter planos de continuar estudando, a finitude do curso (e dos estágios) é o findar de uma fase densa de significados.

Ao sair do último dia do Projeto Atualidades Interdisciplinar e me despedir dos alunos, professores e funcionários, um vazio me preencheu. Senti como se um pedaço de mim tivesse deixado de existir, algo se transformou. Não sou a mesma pessoa que experienciou os primeiros momentos de estágio na graduação. Em meu futuro, pretendo trabalhar com aqueles que vão se tornar profissionais. Com alunos que se encontrarão em situações parecidas com as que vivenciei. (Re)vive-las será de importância fundamental.

Na reflexão sobre os últimos meses, considero que tive oportunidades para pensar sobre o papel do docente e do intelectual em nossa sociedade contemporânea, especialmente no Brasil. Ele não é um sujeito que deve dissertar acerca de conteúdos e pedir pela reprodução desses conhecimentos há muito estabelecidos, mas apontar trilhas a serem percorridas, levantar questionamentos.

Ao cultivar a dúvida no âmago dos discentes, promovemos uma possibilidade profunda de que esse venha a buscar um saber relacional, que faça sentido com sua existência. O aprendizado real nunca chega por meio de imposições, ele se faz de maneira dialógica e processual, partindo do interesse consubstanciado na relação professor-aluno. Incomodar e inquietar, desse modo, são sólidas bases para uma possível pedagogia da indagação e da existência.

Entremeado das memórias de estágio, tanto quando de minha vida escolar, há um misto fluxo de sentimentos. As saudades vindouras são apenas a ponta de algo maior no contexto humano. Filho de poeira cósmica, fadado a retornar para o universo que me deu

consciência, imagino que, no futuro, “todos esses momentos se perderão no tempo, como lágrimas na chuva”⁵.

Recebido para avaliação em 30/11/2015 e aceito para publicação em 20/01/2016.

⁵ Tal como o Replicante Roy Batty poetizou para Deckard, no filme de ficção-científica Blade Runner, pouco antes de “morrer”: “Eu vi coisas que vocês não imaginariam. Naves de ataque ardendo no ombro de Órion. Eu vi raios-c brilharem na escuridão próximos ao Portão de Tannhäuser. Todos esses momentos se perderão no tempo, como lágrimas na chuva.”